

RESUMO - EPIDEMIOLOGICO

PANORAMA EPIDEMIOLOGICO DO HIV/AIDS NOS ESTADOS DA REGIÃO SUL DO BRASIL: TENDÊNCIAS E PERFIS SEGUNDO DEMOGRAFIA E MODOS DE TRANSMISSÃO

Luísa Abdala Lamas Ortolani (luisa.abdala@gmail.com)

Gabriele Seidl (gabrieleseidl@yahoo.com.br)

Isadora Mansur Castro (isa.m.castro@hotmail.com)

Laura Martello Lobo (lauraa.loba20@gmail.com)

Luise Brill (luiseschbrill@gmail.com)

Sofia Rochinski Dolinski (sofiardolinski@gmail.com)

Juliano Mota Volinger (juliano.mota@up.edu.br)

INTRODUÇÃO: O vírus da imunodeficiência humana (HIV) continua a ser um importante desafio de saúde pública no Brasil. A transmissão ocorre principalmente por relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de agulhas contaminadas e por via vertical. O diagnóstico baseia-se em testes que detectam anticorpos anti-HIV e/ou antígeno p24. Segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2024), dos 541.759 casos notificados no Brasil entre 2007 e junho de 2024, mais de 100 mil ocorreram na região sul, destacando-se como uma das áreas mais impactadas pela epidemia. **OBJETIVOS:** Analisar o panorama epidemiológico do HIV/AIDS na região sul do Brasil entre 2018 e 2022, com foco na distribuição dos casos por estado, sexo, faixa etária, raça/cor e categoria de exposição, a fim de identificar

padrões e contribuir para estratégias de prevenção e controle.

METODOLOGIA: Estudo epidemiológico transversal, de abordagem quantitativa e descritiva, com dados públicos extraídos do DATASUS, especificamente dos sistemas SINAN e SISCEL. Foram incluídas todas as notificações registradas na região sul no período de 2018 a 2022.

RESULTADOS: No período analisado, a região sul notificou 32.649 casos de HIV, sendo 44,66% no Rio Grande do Sul (RS), 28,07% em Santa Catarina (SC) e 27,27% no Paraná (PR). Em 2020, todos os estados apresentaram redução de aproximadamente 30% em relação a 2019, possivelmente pelas restrições da pandemia de COVID-19, que limitou o acesso da população aos serviços assistenciais e pode ter contribuído para subnotificações no período. Verificou-se predominância masculina dos casos (>60%) em todos os estados. Quanto à faixa etária, 43,11% dos casos concentraram-se entre 13-34 anos, sobretudo na faixa de 25-34 anos, com maior proporção no RS (38,99%), seguido de SC (34,33%) e PR (31,72%). Ainda, 23,79% concentraram-se entre 40-49 anos e 16,01% entre 50-59 anos, sugerindo uma tendência de envelhecimento da epidemia, especialmente no RS, onde essas faixas corresponderam a mais de 45% das notificações. A variável raça/cor mostrou predomínio da cor branca (42,31%), mas 41,39% dos registros constaram ignorados, comprometendo a análise das desigualdades raciais. A categoria de exposição mais prevalente foi a heterossexual, em especial em SC (42,06%), embora 47,32% das notificações na região não apresentassem essa informação, o que pode indicar subnotificação em populações vulneráveis sujeitas ao estigma, dificultando diagnóstico, adesão terapêutica e acesso à saúde.

CONCLUSÃO: Os resultados evidenciam que a região sul segue fortemente impactada pelo HIV, com maior concentração de casos no RS, predominância masculina e maior acometimento de jovens de 25-34 anos, embora verifique-se tendência de envelhecimento da epidemia. A elevada proporção de registros ignorados em raça/cor e categoria de exposição dificulta a identificação de grupos vulneráveis e o planejamento de políticas específicas. É essencial adotar uma abordagem integrada que considere os determinantes sociais em saúde, fortalecendo ações de prevenção, diagnóstico precoce e cuidado continuado, com foco em populações em maior vulnerabilidade, além de aprimorar a completude dos registros para garantir uma vigilância mais precisa e intervenções mais eficazes.

Palavras-chave: infecções por hiv; epidemiologia descritiva; desigualdades de saúde.

